

ARTIGO

INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE GEOGRAFIA E HISTÓRIA: POSSIBILIDADES A PARTIR DAS HABILIDADES DO CRMG DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Leandro Andrade Cardoso¹

RESUMO

O presente artigo, que consiste em um estudo do tipo bibliográfico, tem como objetivo investigar e discutir as possibilidades interdisciplinares entre Geografia e História a partir do Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) para os anos finais do Ensino Fundamental. Para isso, buscamos uma definição para os conceitos de Interdisciplinaridade, Geografia e História, principalmente com base nos trabalhos de JAPIASSU (1976) e FAZENDA (1994, 2000), BLOCH (2001), HOBBSAWM (1998), SANTOS (2008) e BARROS (2010). Posteriormente, selecionamos alguns descritores e habilidades de Geografia e História do CRMG, com o objetivo de apontar as possibilidades de interdisciplinaridade entre a Geografia e a História oferecidas por esta diretriz curricular.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Geografia. História. Currículo. Educação.

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais o paradigma do saber disciplinar tem sido questionado por pesquisadores de diversas áreas, que apontam para a necessidade de um novo paradigma, que ofereça uma perspectiva mais holística do saber, superando a fragmentação em voga, característica da sociedade atual (FREIRE, 2001; JAPIASSU, 1976; MORIN, 2000). Na maioria dos casos, a interdisciplinaridade tem sido apontada como solução, na medida em que permite o diálogo e a troca entre distintos, mas complementares, campos disciplinares. Não

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Pós-graduado em Metodologia do Ensino de História e Geografia pela Faculdade FAMART. Professor efetivo na rede municipal de Ouro Preto-MG. E-mail: leogeoop@gmail.com

obstante à discussão do papel da interdisciplinaridade na superação do paradigma disciplinar, também se discute sua importância para a superação da fragmentação entre a escola e a sociedade, entre o saber acadêmico e a vida material e cotidiana da população em geral, entre o currículo escolar e as vivências e saberes dos alunos (FAZENDA, 1994; 2000).

Se, por um lado, entendermos que para superar o problema da distância (ou, em muitos casos, um abismo) entre o conhecimento acadêmico produzido nas universidades e a população em geral, passa, necessariamente, pela democratização do conhecimento, a qual deve começar pela sala de aula na educação básica; por outro, entendermos que nada disso será alcançado sem uma formação contínua e continuada dos educadores (FREIRE, 2011; MORIN, 2000; SANTOMÉ, 1998). Outrossim, se, por um lado, entendemos que é importante estabelecer um constante diálogo entre saber acadêmico e o saber escolar; por outro entenderemos que nada disso terá sucesso enquanto o saber escolar estiver desconectado da vivência quotidiana dos alunos, ou enquanto o saber acadêmico estiver alienado da sociedade e de suas demandas (FREIRE, 2018). Do mesmo modo que cada especialista precisa explorar o que há além dos limites de sua disciplina, a escola também precisa extrapolar os limites de seus muros. Sobre isso, Paulo Freire (2001, p. 55) afirma:

O diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que esse conjunto de saberes se encontra em interação. Saber que reflete o mundo e os homens, no mundo e com ele, explicando o mundo, mas, sobretudo, tendo de justificar-se na sua transformação.

A prática interdisciplinar não pode ser vista como uma ameaça às áreas de especialização de cada educador, mas sim como um desafio ao comodismo, como um convite à superação da fragmentação do saber; como convite a um trabalho ou a uma prática que sejam conscientes da totalidade da qual cada disciplina é apenas uma parte, um recorte. Uma prática que busque, a todo tempo, reatar o elo com essa totalidade. Segundo Milton Santos (2008, p. 141):

O exercício da apreensão da totalidade é um trabalho fundamental e básico para a compreensão do lugar real e epistemológico que, dentro dela, tem as suas diferentes partes ou aspectos. Todavia, o conhecimento das partes, isto é, do seu funcionamento, de sua estrutura interna, suas leis, da sua relativa autonomia, e, a partir disto, da própria evolução, constituem um instrumento fundamental para o conhecimento da totalidade.

Importante destacar também que a prática interdisciplinar não implica anular ou apagar as especificidades e as contribuições de cada disciplina ou ciência, mas reconhecer que

seus limites também são pontes, que suas fronteiras também são superfícies de contato, onde a interface e a síntese entre distintos saberes é tão possível quanto latente.

Todas as ciências são de síntese ou simplesmente não são ciências. [...] A capacidade de síntese, que não é privilégio de nenhum especialista, surge como resultado de uma preparação intelectual, que vai além da própria especialidade para abarcar o universo das coisas e a compreensão de cada coisa como um universo. (SANTOS, 2008, p. 126)

O presente artigo, que consiste em um estudo do tipo bibliográfico, tem como objetivo investigar e discutir as possibilidades interdisciplinares entre Geografia e História a partir dos descritores e habilidades propostos no Currículo Referência de Minas Gerais – CRMG (MINAS GERAIS, 2018) para os anos finais do Ensino Fundamental. Para isso, fizemos uma breve discussão acerca dos conceitos de Interdisciplinaridade com base nos trabalhos de Hilton Japiassu e Ivani Fazenda, principalmente; bem como de Geografia e História, com base nos estudos de Marc Bloch, Eric Hobsbawm, Milton Santos e José D’Assunção de Barros, entre outros, de modo a estabelecer as bases para o presente estudo.

Posteriormente, passamos à discussão sobre a importância da interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem de Geografia e de História. Em seguida, apontamos, por meio de alguns descritores e habilidades de Geografia e História selecionados do CRMG, as possibilidades de interdisciplinaridade oferecidas por esta diretriz curricular.

2 GEOGRAFIA E HISTÓRIA: UMA RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Se analisarmos o termo *interdisciplinaridade* sob uma perspectiva meramente etimológica, teremos que decompô-lo em duas partes primevas: de um lado, *inter*, que traz o sentido de “entre”, expressando “reciprocidade”, “ligação” ou “conexão”; de outro, *disciplinaridade*, que deriva do substantivo “disciplina”, originado do latim *disciplinae*, o qual, por seu turno, traz o sentido de “ação de instruir”, ou de “educação que um discípulo recebe de seu mestre” (FEERREIRA, 1994). Analisando o termo em sua totalidade, superando a dicotomia de suas partes a partir da síntese delas, podemos concluir que o sentido da *interdisciplinaridade* demarca uma área de intersecção entre diferentes *disciplinas* ou “campos do saber”.

A interdisciplinaridade perpassa todos os elementos do conhecimento, pressupondo a integração entre eles. [...] Porém, é errado concluir que ela é só isso. A interdisciplinaridade está marcada por um movimento ininterrupto, criando e recriando outros pontos para discussão. [...] A apreensão da atitude interdisciplinar garante, para aqueles que a praticam, um grau elevado de maturidade. Isso ocorre devido ao exercício de uma

certa forma de encarar e pensar os acontecimentos. Aprende-se, com a interdisciplinaridade que um fato ou solução nunca é isolado, mas sim consequência da relação entre muitos outros. (FERREIRA *apud* FAZENDA, 2000, p. 34-35)

O paradigma (KUHN, 1975) do saber disciplinar, o mesmo que faz de cada campo do saber, de cada disciplina, uma trincheira dentro da qual seus especialistas se isolam, enclausurando-se da totalidade do mundo dentro das frestas do conhecimento; ao mesmo tempo fez do campo interdisciplinar, ou seja, da área de intersecção entre cada disciplina, uma verdadeira “terra de ninguém”, sobre a qual jaziam os restos mortais daqueles que, dotados de ousadia, se aventuravam a atravessá-la, mas que pereceram, fulminados por aqueles soldados que, acomodados em suas trincheiras, dedicavam-se a preservá-las puras e intocadas.

O professor interdisciplinar traz em si um gosto especial por conhecer e pesquisar, possui um grau de comprometimento diferenciado para com seus alunos, ousa novas técnicas e procedimentos de ensino, porém, antes, analisa-os e dosa-os convenientemente. Esse professor é alguém que está sempre envolvido com seu trabalho, em cada um de seus atos. Competência, envolvimento, compromisso, marcam o itinerário desse profissional, que luta por uma educação melhor. Entretanto, defronta-se com sérios obstáculos de ordem institucional no seu cotidiano. Apesar de seu empenho pessoal e do sucesso junto aos alunos, trabalha muito, e seu trabalho acaba por incomodar os que têm a acomodação por propósito. (FAZENDA, 1994, p. 31)

Isso se nota, por exemplo, dentro das escolas, na resistência de cada professor em aderir ao desafio de trabalhar além das fronteiras de sua disciplina, o principal obstáculo à realização de projetos interdisciplinares.

Em suma, a interdisciplinaridade não é apenas um conceito teórico. Cada vez mais parece impor-se como uma prática que implica o repensar. Em primeiro lugar, aparece como uma prática individual: é fundamentalmente uma atitude de espírito, feita de curiosidade, de abertura, de desejo de enriquecer-se com novos enfoques, de gosto pelas contribuições de perspectivas e de convicção, levando ao desejo de superar cominhos já batidos. (JAPIASSU, 1976, p. 82)

Na pesquisa científica brasileira esse problema se evidenciou no modo como, nos anos 1960, a interdisciplinaridade foi percebida e pensada pelos acadêmicos: um modismo resultante de uma visão distorcida e equivocada. Tal equívoco, apesar dos esforços de pesquisadores como Hilton Japiassu e Ivani Fazenda em superá-los por meio de discussões e reflexões profundas sobre o tema, ainda persistem.

O entendimento do que é a Geografia e do que é a História, enquanto campos do saber e disciplinas escolares, passa, tal ao entendimento da interdisciplinaridade, pela análise da etimologia de seus nomes. Assim, para a Geografia, temos o prefixo de origem grega *geo*

(γῆ), que significa “Terra” (o planeta), seguido do sufixo também grego *graphia* (γραφία), que, por seu turno, significa “escrita” ou “descrição” (FERREIRA, 1994). A partir dessa decomposição, a análise do que é Geografia aponta para uma síntese que se desdobra em duas possibilidades de interpretação. Em primeiro lugar, Geografia enquanto “escrita da/na Terra”, que pode ser entendido como o processo humano de deixar marcas - como uma assinatura - na superfície terrestre. É o processo de construção do *espaço geográfico*, propriamente dito, quando os seres humanos, em sociedade, por meio do trabalho e da técnica, “escreve” na pele do planeta Terra ao criar, por exemplo, redes urbanas, de transporte, de telecomunicações, etc., circunscrevendo territórios, inscrevendo lugares, imprimindo paisagens (BARROS, 2017; SANTOS, 2008). Segundo os Parâmetros Curriculares de Geografia:

O espaço geográfico é historicamente produzido pelo homem enquanto organiza econômica e socialmente sua sociedade. [...] Nessa perspectiva, a historicidade enfoca o homem como sujeito construtor do espaço geográfico, um homem social e cultural, situado para além e através da perspectiva econômica e política, que imprime seus valores no processo de construção de seu espaço. (BRASIL, 1997, p. 107-108)

Em segundo lugar, temos a Geografia enquanto campo do saber que descreve a superfície terrestre, abarcando nessa descrição as marcas nela deixada pelo processo humano de “geografar” esta superfície, não deixando escapar as mudanças e permanências que só podem ser percebidas ao longo do tempo.

A Geografia estaria, então, identificada como a ciência que busca decodificar as imagens presentes no cotidiano, impressas e expressas nas paisagens e em suas representações, numa reflexão direta e imediata sobre o espaço geográfico e o lugar. [...] Nessa abrangência, a Geografia contribui para que se compreenda como se estabelecem as relações locais com as universais, como o contexto mais próximo contém e está contido num contexto mais amplo e quais as possibilidades e implicações que estas dimensões possuem. (BRASIL, 1997, p. 112-113)

Em ambos os sentidos, a Geografia guarda profundas relações com a História.

Assim como a Geografia, a História tem origem na língua grega antiga: *historía* (ἱστορία), que significa “pesquisa” ou “conhecimento advindo da investigação” (FERREIRA, 1994). Aqui, temos a História apresentada como “estudo”, como “área do saber”, ou como “campo disciplinar”. Porém, se levarmos em consideração a periodização histórica e os critérios adotados para empregá-la, veremos que, de um modo similar à Geografia, a História também carrega um sentido de “escrita”. Isto porque se entende por “pré-história” o período anterior à invenção da escrita pelos Sumérios há cerca de 4 000 a.C., ao passo que a “história” passa a ser o período posterior, a partir do qual, uma vez inventada da escrita, os seres

humanos passaram a deixar registros de suas vivências. Aqui temos a historiografia enquanto “escrita da História” (BLOCH, 2001; HOBSBAWM, 1998), isto é, enquanto registro, feito pelos seres humanos, de seu próprio passado. Esses registros seriam o objetivo primordial da História enquanto ciência. A partir daí, podemos avançar na compreensão do que é História, entendendo que “a história é o estudo do homem no tempo” (BLOCH, 2001, p. 55).

Quando se diz que “a história é o estudo do homem no tempo”, rompe-se com a ideia de que a história deve examinar apenas e necessariamente o passado. O que ela estuda, na verdade, são as ações e transformações humanas (ou permanências), que se desenvolvem ou se estabelecem em um determinado período de tempo, mais longo ou mais curto. (BARROS, 2010, p.68)

Ensinar História e Geografia precisa ser mais do que transmitir informações históricas e geográficas prescritas em livros ou currículos. Ensinar História e Geografia precisa ser mais do que ensinar conceitos históricos e geográficos estanques. Ensinar História e Geografia deve ser propiciar aos estudantes o entendimento de si mesmos enquanto agente e sujeito histórico (que age no tempo) e geográfico (que produz transformações no espaço). Para Moreira (2005, p. 24) “à Geografia, cabe a sistematização no plano do espaço, cabendo à História, no plano do tempo. Isso porque a sistematização passa 2 processos: a narrativa (história) e a descrição (geografia)”. Porém, não é possível agir no espaço sem agir no tempo. Tampouco é possível dissociar as transformações produzidas no espaço das transformações produzidas ao longo do tempo. Como afirmam Graves e Moore (*apud* SANTOS, 2008, p. 137), “Os acontecimentos da história devem processar-se em alguns lugares, ao passo que os lugares da geografia existem e evoluem através do tempo”.

A noção katiana de *tempo* como “lugar” da história e de *espaço* como “lugar” da geografia, promovendo a separação entre tempo e espaço e entre História e Geografia, só fez dar origem àquilo de Michel Foucault chamou de ‘espaço congelado’. O tempo histórico não é o tempo do relógio (tempo-data, tempo sideral) e o espaço geográfico não é o espaço das coordenadas geográficas. Embora a história embuta-se no calendário e o espaço geográfico embuta-se na rede de coordenadas (latitude e longitude), tempo e espaço são coordenadas da história. (MOREIRA, 2005, p. 90)

No artigo “*Geografia e História: Uma interdisciplinaridade mediada pelo espaço*”, o historiador José D’Assunção Barros discute o papel do espaço como principal articulador da interdisciplinaridade entre essas duas disciplinas:

A História, considerada como campo de produção de conhecimento, já perfaz mais de um século de fortes relações interdisciplinares com a Geografia. À parte o fato de ter o *homem* e as sociedades humanas como

objeto de estudo em comum – por ser este o universo obrigatório de estudo partilhado entre a História e a Geografia Humana – pode-se dizer-se que o espaço é o grande mediador das relações entre essas disciplinas. [...] As ações e transformações que afetam aquela vida humana que pode ser historicamente considerada, dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico. (BARR0S, 2010, p. 67-69)

Tempo e espaço estão imbricados e uma Geografia ou uma História que ignoram este fato não são, verdadeiramente, nem História, nem Geografia. Por isso, é de suma importância que os professores dessas disciplinas construam abordagens interdisciplinares. Somente assim seus alunos poderão construir saberes verdadeiramente significativos, por meio dos quais conseguem, enquanto seres histórica e geograficamente determinados, inter-relacionar suas vivências e suas histórias particulares, à história coletiva, bem como situar seus lugares de vivência no campo vasto do espaço geográfico globalizado.

A Geografia e a História têm seus saberes, seus conceitos e suas categorias tomadas de empréstimo ou tornados referência por professores das demais disciplinas, por exemplo, quando estes precisam, de início, localizar seu objeto de estudo, a si mesmos ou seus alunos, no tempo e no espaço. Ao fazê-lo realizam, ainda que de modo inconsciente e não intencional, uma abordagem que dialoga com a interdisciplinaridade. Do mesmo modo, quando um professor de História, Geografia ou de outra disciplina qualquer, recorre à leitura de um texto em sala de aula, demandando habilidades de leitura e interpretação dos alunos, temos também uma abordagem que se aproxima da interdisciplinaridade com a disciplina de Língua Portuguesa, por exemplo. Por outro lado, quando um professor de Geografia recorre à elaboração, à interpretação e à análise de gráficos como pirâmides etárias ou climogramas; ou quando um professor de História trabalha com a “linha do tempo cronológico”, ou quando recorre a operações matemáticas para calcular a duração ou extensão de fenômenos históricos, temos, em ambos os casos, uma interdisciplinaridade com a Matemática.

No entanto, nos exemplos acima, o que temos é um nível mais simples ou superficial de interdisciplinaridade, que estudiosos como Heckhausen (*apud* FAZENDA, 1993) chamaria de “pseudo-interdisciplinaridade”, ou Boisot (*apud* FAZENDA, 1993), descreveria como “interdisciplinaridade restritiva”.

Todavia, além de não ser objetivo deste artigo a discussão sobre os diferentes níveis ou variações da interdisciplinaridade, o que nos interessa é explicitar com os exemplos acima é o seguinte: mesmo que limitadas em termos de interdisciplinaridade, eles apontam para o fato de que é quase impossível que um professor consiga ter sucesso no processo de ensino-aprendizagem de seu conteúdo limitando-se aos conceitos, categorias e saberes tidos como

exclusivos à sua disciplina. Evidencia-se, assim, o valor e a importância da interdisciplinaridade para a educação, na medida em que, no processo de ensino-aprendizagem, os fenômenos estudados são pensados em sua relação com o todo e a realidade é encarada como processo, em vez de encarar os fenômenos como algo estanque e a realidade como estática.

A noção de interdisciplinaridade evolui com o progresso científico e o progresso econômico. [...] O que ontem poderia ser considerado um enfoque interdisciplinar correto, hoje não o é mais. Torna-se necessário recusar aquelas contribuições parciais que anteriormente eram úteis, sempre que elas não representem mais a realidade. (SANTOS, 2008, p. 136)

Quando um professor de Geografia aborda a temporalidade em suas aulas, isto é, quando toca a dimensão temporal dos fenômenos geográficos, ele já está pisando na zona de intersecção entre a Geografia (espaço) e a História (tempo). Um exemplo desse movimento no sentido da interdisciplinaridade – e dessa interdisciplinaridade que move o saber em direção à totalidade - pode ser observado quando do estudo de uma das categorias geográficas mais básicas e fundamentais: a paisagem. A paisagem é uma dimensão do espaço cuja análise e entendimento depende, necessariamente, do pressuposto que ela está em processo, no tempo. Precisamente por isso, a paisagem, em suas diferentes conformações, enquanto mosaico de diferentes intervenções humanas, em diferentes épocas, se apresenta também como uma dimensão de tempo. Corroboram essa afirmação os PCNs:

A categoria paisagem, porém, tem um caráter específico para a geografia, distinto daquele utilizado pelo senso comum ou por outros campos do conhecimento. É definida como sendo uma unidade visível, que possui uma identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural ou natural, contendo espaços e tempos distintos; o passado e o presente. A paisagem é o velho no novo e o novo no velho. [...] É nela que estão expressas as marcas da história de uma sociedade, fazendo, assim, da paisagem uma soma de tempos desiguais, com uma combinação de espaços geográficos. (BRASIL, 1997, p. 112)

Do mesmo modo, quando um professor de História aborda a espacialidade em suas aulas, isto é, quando toca a dimensão espacial dos fenômenos históricos, ele começa a se “desentrincheirar” para se aventurar pela “terra de ninguém” entre a História e a Geografia. Quanto mais um professor explorar as inter-relações, interconexões e intersecções de uma disciplina com as demais, tanto mais ele adentra e ilumina o campo (ainda para muitos) obscuro da interdisciplinaridade, abandonando a “zona de conforto” de sua “trincheira disciplinar” para desbravar novos paradigmas educacionais e epistemológicos.

Tão logo se deu conta da importância de entender o seu ofício como a Ciência que estuda o homem no tempo e no espaço [...] os historiadores

perceberam a necessidade de intensificar sua interdisciplinaridade com outros campos do conhecimento. Emergiu daí esta importantíssima interdisciplinaridade com a Geografia, ciência que já tradicionalmente estuda o espaço físico [...]. A interdisciplinaridade entre a História e a Geografia é estabelecida, para além do próprio conceito de “espaço”, através de outras noções [...] como a de “paisagem”, de “território” e de “Região” – noções de que logo os historiadores começariam a se apropriar para seus próprios fins. (BARROS, 2010, p. 69)

O ensino de História não pode prescindir da Geografia. Primeiramente, porque um evento histórico, como uma guerra, uma revolução, a formação de um Estado, etc., não pode ser entendido ou explicado se omitirmos sua localização, sua delimitação e sua extensão geográficas. A recíproca também é verdadeira, haja vista que um fenômeno geográfico, como um processo migratório, a transformação de uma paisagem, a apropriação de um território, as redes de distribuição da produção agrícola ou industrial, por exemplo, não podem prescindir de sua extensão ou duração temporal para serem compreendidos ou explicados.

3 POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES ENTRE GEOGRAFIA E HISTÓRIA NO CRMG

O Currículo Referência de Minas Gerais - CRMG (MINAS GERAIS, 2018) é um documento elaborado a partir dos fundamentos educacionais contidos na Constituição Federal (CF/1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), no Plano Nacional de Educação (PNE/2014), na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) e a partir da colaboração entre a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais – SEEMG e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, seccional Minas Gerais - UNDIME/MG. O processo de elaboração do CRMG envolveu a criação de uma Comissão Estadual, com representações políticas de órgãos e entidades, um Comitê Executivo para condução e tomada de decisão, uma Coordenação Técnica para encaminhamento dos trabalhos e Grupos de Trabalho de Currículo para redação do documento (MINAS GERAIS, 2018).

No CRMG, assim como na BNCC, os conteúdos são prescritos na forma das *habilidades*, que são designadas por códigos alfanuméricos (os *descritores*) e apresentadas na forma de frases imperativas, tendo verbos de comando como analisar, discutir, relacionar, elaborar, etc., ao início de cada uma delas (MINAS GERAIS, 2018). Os *descritores*, por seu turno, apresentam uma estrutura particular, como no exemplo seguinte: EF06GE01, onde EF significa Ensino Fundamental, os algarismos 06 indica a série (neste caso, o 6º ano), as letras

GE são uma abreviação de “Geografia” e os algarismos finais indicam o número da habilidade (IDEM).

Na parte referente à Geografia, a proposta interdisciplinar se faz presente desde a conceituação da disciplina:

Para fazer a leitura do mundo em que vivem com base nas aprendizagens em Geografia, os estudantes precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. O pensamento espacial está associado ao desenvolvimento intelectual **que integra conhecimentos não somente da Geografia, mas de outras áreas.** [...]

Os seres humanos vêm experienciando, ao longo do **tempo histórico**, a transformação do mundo natural em um mundo humano, tendo como mediação o trabalho social sustentado pelos códigos de comunicação impregnados de significados, não só a linguagem, como também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, os rituais, a música, a pintura, as edificações. (MINAS GERAIS, 2018, p. 790-794, grifos nossos)

Na parte referente à História, também verificamos a proposta interdisciplinar desde a conceituação da disciplina:

Nesse contexto, um dos importantes objetivos da História no Ensino Fundamental é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a transformar hábitos e condutas. [...]

A sistematização dos eventos é consoante com as noções de tempo (medida e datação) e espaço (concebido como lugar produzido pelo ser humano em sua relação com a natureza). Os eventos selecionados permitem a construção de uma visão global da história [...]. (IDEM, p. 833-837, grifos nossos)

Nos conteúdos de Geografia prescritos para o 6º ano do Ensino Fundamental no Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), por exemplo, já no primeiro descritor (EF06GE01X), a interdisciplinaridade se evidencia na habilidade que ele designa: “Descrever e comparar modificações das paisagens rurais e urbanas nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos” (MINAS GERAIS, 2018, p.817). O descritor e a habilidade supracitados estão intimamente irmanados com os conteúdos de História prescritos pelo CRMG para o 6º ano. Por exemplo: “EF06HI05X – Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários, povos africanos, discutindo a natureza das transformações ocorridas” (MINAS GERAIS, 2018, p. 855).

Já nos conteúdos prescritos para o 7º ano do Ensino Fundamental no CRMG, a mesma relação interdisciplinar se manifesta também no primeiro descritor (EF07GE01A),

cuja habilidade é “Reconhecer aspectos da formação territorial do Brasil, com destaque para questões **histórico-geográficas**, processos migratórios e diversidade étnico-cultural nas diferentes paisagens e regiões” (MINAS GERAIS, 2018, p. 819, grifo nosso). Tal descritor e habilidade de Geografia estão profundamente ligados ao descritor EF07HI11X, de História, cuja habilidade é “Analisar a formação **histórico-geográfica** do território da América Portuguesa, por meio de mapas históricos produzidos em diferentes contextos” (MINAS GERAIS, 2018, p. 861, grifo nosso).

No 8º ano, no primeiro descritor de Geografia (EF08GE01), a menção à História é explícita na habilidade que ele designa: “Descrever as rotas de dispersão da população pelo planeta e os principais fluxos migratórios e diferentes períodos da **história**, discutindo fatores e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes” (MINAS GERAIS, 2018, p. 822, grifo nosso).

Se buscarmos nos conteúdos de História previstos no CRMG para a mesma série, encontraremos uma forte relação interdisciplinar com a Geografia no descritor EF08HI06, cuja habilidade é a seguinte: “Aplicar conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões”. Esse descritor e essa habilidade citados são muito similares ao descritor EF08GE05 da Geografia, cuja habilidade prescrita é a seguinte:

Identificar, diferenciar e aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra. (IDEM, p. 883)

No 9º ano, entre os conteúdos prescritos para Geografia pelo CRMG, o primeiro descritor (F09GE01) também explicita a relação interdisciplinar entre a Geografia e a História na habilidade que ele indica: “Analisar criticamente de que forma a hegemonia europeia foi exercida em várias regiões do planeta, notadamente em situações de conflito, intervenções militares e/ou influência cultural em diferentes tempos e lugares” (MINAS GERAIS, 2018, p. 826). Do mesmo modo como foi demonstrado acima em relação às séries anteriores, dentre os descritores e habilidade de História propostos pelo CRMG para o 9º ano, há pelo menos 2 que guardam profunda relação interdisciplinar com o descritor e a habilidade de Geografia acima citados:

EF08HI23 – Estabelecer relações causais entre as ideologias raciais e o determinismo no contexto do imperialismo europeu e seus impactos na África e na América.

EF09HI24 – Reconhecer os principais produtos utilizados pelos europeus, procedentes do continente africano durante o imperialismo e analisar os

Se os professores de História e Geografia, nos anos finais do Ensino Fundamental, seguirem as propostas contidas no Currículo Referência de Minas Gerais, ainda que não colaborem na execução de um projeto interdisciplinar, nem estabeleçam um diálogo direto entre si, que abranja desde a etapa do planejamento até a prática em sala de aula, eles irão, simultaneamente, levar para suas salas de aula temas como transformação das paisagens, formação territorial, distribuição populacional, diversidade étnica, racial e cultural, fluxos migratórios, econômicos e culturais, etc. Ao fazê-lo, precisarão lançar mão de conceitos e categorias fundamentais a ambas as disciplinas, como espaço e tempo, processo histórico, espaço geográfico, mudança e permanência, paisagem, território, população, cultura, economia, Estado, nação, país, lugar, dentre outros que habitam a “zona de intersecção” entre suas respectivas áreas de especialização. “A interdisciplinaridade entre História e Geografia é estabelecida, para além do próprio conceito de “espaço”, através de outras noções como ‘território’, ‘região’ [...], noções que logo os historiadores começariam a se apropriar para seus fins” (BARROS, 2010, p. 70).

Estarão, portanto, ainda que em um nível que muitos dirão ser rudimentar, de modo voluntarista e individualista, explorando possibilidades interdisciplinares entre a Geografia e a História.

Desse modo, a interdisciplinaridade que envolve a Geografia e a História pode possibilitar melhor avaliação das ações dos homens em sociedade, entre si e com a natureza, bem como suas consequências em diferentes espaços e tempos. Os estudantes podem construir referenciais que possibilitem participação em questões sociais, políticas, econômicas e ambientais dentro da atividade. A comparação entre o passado, presente e futuro é fundamental, fazendo com que alunos ampliem os seus conhecimentos históricos e geográficos. (PENA, *et al.*, 2015, p. 8)

A priori, a análise das orientações e diretrizes contidas no CRMG e nos PCNs apontam para a necessidade de que professores de Geografia e História dominem conceitos e categorias compartilhados por suas disciplinas, que frequentemente são citados entre as competências e habilidades, mostrando-se tão imprescindíveis a ambas que é difícil afirmar que sejam próprios de uma ou de outra. Segundo Japiassu (1976, p. 82), “é extremamente difícil adquirir os conceitos das disciplinas diferentes das nossas, mas a interdisciplinaridade é uma tentativa de superação deste obstáculo”.

Todavia, estabelecimento de uma interdisciplinaridade entre a Geografia e a História – ou entre quaisquer outras disciplinas – depende, fundamentalmente, de dois tipos de fatores: primeiro, da disposição interna de cada especialista para sair de sua “zona de conforto” e se

aventurar na “zona de intersecção” entre sua disciplina e outra; segundo, da identificação de quais problemas cuja resolução depende de tal aproximação, ou de quais objetos de estudo encontram-se naquela zona de intersecção e cuja análise e compreensão exige que recorramos ao arsenal teórico e metodológico de mais de uma disciplina.

Como afirma Milton Santos:

[...] se ficarmos confinados à sociologia para explicar o que se chama de fato social; à economia para compreender os fenômenos econômicos; à geografia para interpretar as realidades geográficas, acabamos na impossibilidade de chegar a uma explicação válida. Não há porque temer a invasão do campo de outro especialista. (SANTOS, 2008, p. 130)

No que concerne, especificamente, ao ensino de História e Geografia, de início, os problemas oriundos pelo paradigma disciplinar não poderão ser superados se o professor de Geografia privilegiar a categoria “espaço” em detrimento da categoria “tempo”, ou se o professor de História fizer o oposto. Além disso, é crucial que os professores não ignorem ou menosprezem os saberes e percepções que seus alunos carregam, seja sobre o “espaço” e o “tempo”, seja sobre si mesmos, sobre a escola, sobre a História e a Geografia, sobre o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História e a Geografia possuem uma relação interdisciplinar que pode ser observada desde os elementos mais basilares de seu estudo: o tempo e o espaço. Tais conceitos, compartilhados por ambas as disciplinas, além de serem condições precípuas para qualquer experiência, como afirma Kant (*apud* BARROS, 2010), também são a base para o entendimento de outros conceitos fundamentais a essas duas disciplinas, tais como, paisagem, lugar, território, população, cultura, etc. Entendemos que, não obstante as críticas já feitas ao seu caráter prescritivo, tanto o CRMG quanto a BNCC (da qual o primeiro é derivado) oferecem caminhos para que professores de História e Geografia desenvolvam uma prática interdisciplinar em suas aulas. No entanto, para que tais possibilidades se materializem na forma de ações interdisciplinares concretas, seja numa abordagem individual de cada professor, seja por meio de projetos coletivos entre dois ou mais professores, é preciso que cada educador desenvolva, antes, uma “disposição interna” ao diálogo com outros campos do saber, superando os limites de seu campo disciplinar. É nesse ato de coragem e ousadia do sujeito que se aventura para além de sua “trincheira propedêutica” que o paradigma disciplinar pode começar a ser superado.

INTERDISCIPLINARITY BETWEEN GEOGRAPHY AND HISTORY: POSSIBILITIES FROM THE SKILLS OF THE SECONDARY SCHOOL MINAS GERAES REFERENCE CURRICULUM (CRMG)

ABSTRACT

This article, which consists of a bibliographic study, aims to investigate and discuss the interdisciplinary possibilities between Geography and History, based on the Minas Gerais Reference Curriculum (CRMG) for Secondary School. For this, we seek a definition for the concepts of Interdisciplinarity, Geography and History, based on the works of JAPIASSU (1976), FAZENDA (1994, 2000), BLOCH (2001), HOBBSAWM (1998), SANTOS (2008) and BARROS (2010), mainly. Subsequently, we selected some descriptors and skills of Geography and History selected from the CRMG, with the objective of pointing out the possibilities of interdisciplinarity between Geography and History offered by this curricular guideline.

Keywords: Interdisciplinarity. Geography. History. Curriculum. Education.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>.

_____. Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BARROS, José D'Assunção. Geografia e História: uma interdisciplinaridade mediada pelo espaço. **Geografia** (Londrina), v. 19, n.3, p. 67-84, 2010.

_____. **História, Espaço, Geografia: diálogos interdisciplinares**. Petrópolis: Vozes, 2017

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FAZENDA, Ivani A. **Interdisciplinaridade: História, teoria e Pesquisa**. São Paulo: Papirus, 1994.

_____. (org.). **Práticas Interdisciplinares na Escola**. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

- GRISNPUN, Mírian P. S. Zippin. Educação Tecnológica. In: _____ (Org.). **Educação tecnológica, desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 25-74.
- HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JANTSCH, A. & BIANCHETTI, L. (org.). **Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis / Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Educação. **Currículo Referência de Minas Gerais**. Belo Horizonte-MG: Secretaria de Educação de Minas Gerais, 2018.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários a Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 2000.
- PENA, Maria Fernanda; RAIMUNDO, Maria Helena; VASCONCELOS, Luiz G. Falcão; SAMPAIO, Adrianly de Ávila Melo. Geografia e História: um projeto interdisciplinar na EJA. VII Encontro Nacional de Ensino de Geografia Fala Professor: Qual é o fim do ensino de Geografia? Universidade Federal de Goiás. **Anais...** Goiânia-GO: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), 2005, p. 1-15.
- SANTOMÉ, J. T. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre-RS: Artes Médicas Sul Ltda, 1998.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo-SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Recebido em 06/04/2022.

Aceito em 29/11/2022.